Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Meus oito anos

Oh! Que saudades eu tenho
Da aurora de minha vida
De minha infância querida
Que os anos não trazem mais

Estas são rimas da imortal poesia 'Meus Oito Anos', do poeta Casimiro de Abreu, poesia que nos remete às lembranças de nossa infância e das passagens alegres daquele tempo feliz.

Amanhece o domingo, 23 de junho do ano de 1952, e nós já estamos ao redor do velho fogão de lenha da casa onde morávamos, na Rua Visconde, tomando o nosso café, findo o qual vamos partir para uma viagem fantástica, que esperávamos o ano inteiro para fazer.

Éramos nossos pais, meus irmãos Odilon, Eloisa, José Ramon, Luzia e eu, Yara, a caçulinha, ainda estava por nascer. Saímos de casa apressados, rumo à estação ferroviária, para embarcarmos na Maria Fumaça da Cia. Mogiana, e viajarmos até a estação do Brumado, primeira parte de nossa viagem à Fazenda Bom Retiro, município de Mogi Mirim, propriedade de nossos tios Concórdia e Zé Belmiro.

Nestor Leme, seu irmão Odilon e os primos Zinho e Tereza diante da Capela de São Pedro, revivendo lembranças dos tempos de infância | *Arquivo pessoal*

Atravessamos as ruas ainda desertas da Serra Negra daquele tempo e, na estação, embarcados num dos vagões do comboio, ficamos todos nas janelas para nos deleitarmos com as paisagens rurais que aquela viagem iria nos proporcionar. A composição parte fumegante e logo passamos pela Fazenda Chave Preta, onde avistamos a Cachoeirinha. Passamos pela Cachoeira Grande e, em seguida, o trem chega ao Santo Aleixo. A parada naquela estação é rápida, a locomotiva capita e seguimos para o Brumado, onde, ao chegarmos, nos dirigimos à casa da Dona Nenê, amiga de nossos pais, onde ficamos à espera da condução para a fazenda dos tios, para passarmos os dias mais felizes de nossas vidas.

Da casa da Dona Nenê, avistamos surgir na estrada um trole, dirigido por nosso tio Luiz Alonso, e uma charrete conduzida pelo Seu Tico; duas conduções, porque a família era grande. Embarcamos e começamos a viagem. Atravessamos matas, riachos e fazendas, até que chegamos ao nosso destino, onde, enquanto os mais velhos se abraçavam pelo reencontro, nós já corríamos para encontrar os primos. Logo estávamos no pomar de laranjeiras e mexeriqueiras, carregadas de frutos maduros, como se tudo aquilo fosse acabar naquele dia.

Passamos o dia naquela correria e, caindo a noite, logo fomos para a cama descansar para as aventuras do dia seguinte. Com o dia clareando, já estávamos no curral, com a caneca na mão, esperando para tomar leite tirado na hora pelo colono Mário, nosso conhecido há anos.

E assim passaram os dias naquela alegria inesquecível, até que chegava o dia da festa de São Pedro, padroeiro dos Lemes. Festa que começava com missa na capela da fazenda, rezada pelo padre de Mogi Mirim. Finda a qual, era servido um lauto café ao sacerdote e seus acompanhantes e, enquanto isto acontecia, as cozinheiras da família, sob o comando da tia Concórdia, se esmeravam na preparação do almoço, que era servido a todos os presentes.

À tarde, chegava o momento mais esperado, quando a tia distribuía bombinhas e fogos de vista para a criançada. Finalmente, à noite, depois da reza do terço, eram erguidos os mastros dos santos juninos, num espocar de rojões e vivas, com o terreiro de secar café cheio de gente, a quem eram servidos quentão, batata-doce cozida, pipoca e amendoim torrado.

A festa terminava e já sabíamos que chegava a hora de voltar para as aulas e para o nosso cotidiano. E de tudo o aquilo restaram estas lembranças, que teimam em voltar ao meu pensamento no mês de junho e doem no velho peito ao lembrar dos familiares que conosco viveram estas histórias antigas, dos quais restamos apenas a Luzia e eu. E tudo isto se perderá para sempre quando nós não estivermos mais aqui.

A sede da Fazenda Bom Retiro, em Mogi Mirim, cenário das memórias afetivas narradas por Nestor | *Arquivo*

104,5 fm
Programação 104,5 FM
00h - 05h - Madrugada 104
05h - 08h - Amanhecer na Serra
08h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 17h - Tarde 104 (Pedro Giovani)
17h - 19h - Pop 104
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 00h - Serra Negra By Night
Ouça ao vivo

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
serralheriamenegatti@gmail.com
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

As Copas

Tenho que confessar que não sou exatamente daquelas pessoas torcedoras em Copas do Mundo. Não sei se não gosto de assistir a jogos por não gostar de futebol ou por ficar nervosa durante as partidas. Qualquer jogo a que eu assista, em poucos minutos elejo um time para torcer e, pronto: já começo a ficar nervosa. É igual a filme de terror: começo a levantar, não quero ver o que vai acontecer, e aquilo vira um drama, não uma diversão. Qualquer joguinho sempre pode acabar em desentendimento: uma palavra errada, um comentário bobo, e os ânimos ficam exaltados. Imaginem, então, em um lugar onde se pode beber durante o jogo, no estádio ou antes de entrar nele.

Meu filho foi assistir a uma partida no Paraguai e, ao entrar no estádio, todos tinham que fazer o teste do bafômetro. Não sei se isso também acontece aqui, pois faz muito tempo que não vou a um estádio, mas, realmente, é uma medida necessária.

Na nossa turminha, quase deu uma briga nesse último jogo porque alguém fez um comentário:

- É, eles, os brasileiros, estão jogando mal. Merecem perder!

Pronto. O outro torcedor ferrenho já queria brigar.

Na época da Copa, todos parecem virar técnicos. Passam anos sem assistir a um jogo de futebol e, de repente, já sabem dizer tudo o que os jogadores em campo deveriam fazer.

Ah! Lembro-me das Copas antigas, quando fomos tri, tetra e pentacampeões. Quando fomos tricampeões, éramos "90 milhões em ação", e parecia que o mundo parava. As ruas ganhavam bandeirinhas, as escolas liberavam os alunos mais cedo e até quem não gostava de futebol acabava entrando no clima. Parecia que o país inteiro respirava no ritmo dos jogos. O tempo foi passando e, apesar do entusiasmo, nem tudo parava por causa das partidas. Aqueles que gostam de futebol assistem aos jogos e sabem de tudo. Acabei de saber, pelo meu filho - e ele é um exemplo desses que amam futebol -, que a Itália não está nesta Copa. Sempre foi uma seleção forte, tetracampeã, contra a qual o Brasil conquistou o tricampeonato em 1970, e o tetra, em 1994.

O Brasil se apaixonou pelo futebol e o transformou em um dos esportes mais praticados e admirados pelos brasileiros. Por todo o país, lá estão milhões de torcedores, todos especialistas. Já eu, continuo não sendo uma grande torcedora. Provavelmente vou continuar levantando do sofá nos momentos decisivos e sofrendo mais do que me divertindo. Mas, quando chega a Copa, até eu entro um pouquinho no clima. Afinal, de quatro em quatro anos, o futebol une amigos, deixa todos com a adrenalina elevada e lembra aos supersticiosos que eles têm a camiseta da sorte: a mesma que mantêm há muito tempo porque estavam com ela quando o Brasil foi tetra e penta...

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

A árvore que já sabia

Há alguns anos, uma jovem indígena da Amazônia posava para fotografias aos pés de uma velha paineira em Serra Negra. Ela estava ali servindo de inspiração para as minhas pinturas a óleo sobre tela, as mesmas que dariam vida às obras Lindóia e à Sereia Marubo.

A cena parecia improvável. De um lado, Kena Marubo, ativista, artista, representante de um povo cuja história nasceu entre rios, florestas e narrativas ancestrais. De outro, uma árvore que já ultrapassou três séculos observando o mundo passar pelas montanhas do Circuito das Águas.

Eu observava as duas pelo visor da câmera. E, por um instante, tive a estranha sensação de que não era a jovem quem estudava a árvore. Era a árvore quem estudava a jovem! Talvez porque ambas falassem a mesma língua: a do tempo. Quando Kena contou histórias de seu povo durante sua residência artística no Museu ReArte, falou sobre seres das águas, sobre mulheres-peixe, sobre uma forma de enxergar a natureza não como cenário, mas como parente. Confesso que aquela visão me pareceu familiar. Porque, quem vive em Serra Negra, também cresce cercado por montanhas que parecem possuir humor próprio, fontes que mudam de intensidade conforme as estações e árvores tão antigas que acabam adquirindo personalidade.

Talvez a diferença entre a ciência e as lendas seja apenas a forma de cumprimentar a mesma realidade. Hoje em dia, os especialistas falam em "emergência climática". A expressão é correta mas, também é curiosa. Porque para os povos indígenas a "emergência" não começou agora. Há gerações eles observam rios adoecerem, florestas recuarem e espécies desaparecerem. Enquanto nós chamamos de crise, muitos deles chamam de memória.

Os filmes que o Museu ReArte exibirá neste sábado - dentro da Mostra Cinema e Direitos Humanos - fazem exatamente esse convite: escutar vozes que costumam ser ignoradas. Em "Ga vi: a voz do barro", mulheres Kaingang mostram como território e ancestralidade são inseparáveis. Em "Ósányin: O segredo das folhas", a preservação ambiental surge através do conhecimento das plantas. Em "Amazônia sem Garimpo", os impactos da mineração ilegal são explicados de forma sensível. E há uma beleza poética na escolha das linguagens. Filmes como "No Início do Mundo" apostam no encantamento da animação.

São obras acessíveis inclusive ao público infantil, e isso não é um detalhe menor. É uma estratégia de sobrevivência. Se a nossa geração falhou em ouvir a terra, são as crianças, com sua capacidade intacta de se espantar com o mundo, que carregam a semente de um futuro mais sustentável. O cinema, aqui, conversa com a pureza que ainda nos resta.

Mas talvez a grande questão não seja salvar a floresta, pois ela provavelmente continuará existindo de alguma forma. A pergunta é outra: seremos capazes de continuar existindo sem aquilo que ela nos ensina? A velha paineira de Serra Negra parece conhecer a resposta. Ela estava aqui antes de nós. Talvez permaneça depois.

E talvez, como Kena Marubo naquela tarde distante, ela continue repetindo a mesma lição para quem quiser ouvir: Que a natureza não é algo que possuímos. É algo ao qual pertencemos.

Kena Marubo e pinturas de Henrique Vieira Filho | *Arquivo Pessoal*

Por Henrique Vieira Filho

A árvore que já sabia

Há alguns anos, uma jovem indígena da Amazônia posava para fotografias aos pés de uma velha paineira em Serra Negra. Ela estava ali servindo de inspiração para as minhas pinturas a óleo sobre tela, as mesmas que dariam vida às obras Lindóia e à Sereia Marubo.

A cena parecia improvável. De um lado, Kena Marubo, ativista, artista, representante de um povo cuja história nasceu entre rios, florestas e narrativas ancestrais. De outro, uma árvore que já ultrapassou três séculos observando o mundo passar pelas montanhas do Circuito das Águas.

Eu observava as duas pelo visor da câmera. E, por um instante, tive a estranha sensação de que não era a jovem quem estudava a árvore. Era a árvore quem estudava a jovem! Talvez porque ambas falassem a mesma língua: a do tempo. Quando Kena contou histórias de seu povo durante sua residência artística no Museu ReArte, falou sobre seres das águas, sobre mulheres-peixe, sobre uma forma de enxergar a natureza não como cenário, mas como parente. Confesso que aquela visão me pareceu familiar. Porque, quem vive em Serra Negra, também cresce cercado por montanhas que parecem possuir humor próprio, fontes que mudam de intensidade conforme as estações e árvores tão antigas que acabam adquirindo personalidade.

Talvez a diferença entre a ciência e as lendas seja apenas a forma de cumprimentar a mesma realidade. Hoje em dia, os especialistas falam em "emergência climática". A expressão é correta mas, também é curiosa. Porque para os povos indígenas a "emergência" não começou agora. Há gerações eles observam rios adoecerem, florestas recuarem e espécies desaparecerem. Enquanto nós chamamos de crise, muitos deles chamam de memória.

Os filmes que o Museu ReArte exibirá neste sábado - dentro da Mostra Cinema e Direitos Humanos - fazem exatamente esse convite: escutar vozes que costumam ser ignoradas. Em "Ga vĩ: a voz do barro", mulheres Kaingang mostram como território e ancestralidade são inseparáveis. Em "Òsányìn: O segredo das folhas", a preservação ambiental surge através do conhecimento das plantas. Em "Amazônia sem Garimpo", os impactos da mineração ilegal são explicados de forma sensível. E há uma beleza poética na escolha das linguagens. Filmes como "No Início do Mundo" apostam no encantamento da animação.

São obras acessíveis inclusive ao público infantil, e isso não é um detalhe menor. É uma estratégia de sobrevivência. Se a nossa geração falhou em ouvir a terra, são as crianças, com sua capacidade intacta de se espantar com o mundo, que carregam a semente de um futuro mais sustentável. O cinema, aqui, conversa com a pureza que ainda nos resta.

Mas talvez a grande questão não seja salvar a floresta, pois ela provavelmente continuará existindo de alguma forma. A pergunta é outra: seremos capazes de continuar existindo sem aquilo que ela nos ensina? A velha paineira de Serra Negra parece conhecer a resposta. Ela estava aqui antes de nós. Talvez permaneça depois.

E talvez, como Kena Marubo naquela tarde distante, ela continue repetindo a mesma lição para quem quiser ouvir: Que a natureza não é algo que possuímos. É algo ao qual pertencemos.

Kena Marubo e pinturas de Henrique Vieira Filho | *Arquivo Pessoal*